

232- Pompeia

A cidade de Pompeia na Itália foi destruída pelo vulcão Vesúvio, no dia 25 de agosto de 29 d.C. por uma chuva de pedras-pomes.

Mary Beard escreveu um livro sobre o assunto.

Na época, a cidade de Pompeia tinha na área urbana cerca de 12.000 habitantes e 24.000 habitantes na área rural, totalizando 36.000 habitantes.

Existiam 12 torres de água para abastecimento público de água potável, sendo que havia tubulações de chumbo que levava as águas às fontes públicas e às residências que pagavam uma taxa de água.

Não obtive informações sobre os esgotos da cidade de Pompeia, mas existiam ruas onde estava escrito em latim, pedindo para os cães não fazerem o “serviço” na rua, pois a mesma já tinha muitas fezes de cavalos, pois, um cavalo tem 10 kg/dia de fezes.

Também pelo que li não havia coleta de lixo na cidade de Pompeia.

Havia banhos públicos com águas correntes ou que de vez em quando eram trocadas. Não havia cloro nas piscininhas.

Um médico romano chamado Celso aconselhava as pessoas que tivessem feridas abertas que não se banhassem. Havia pessoas que urinavam na água e outras que até defecavam na água que ficava flutuando na piscina, sendo que as piscinas quentes eram mais perigosas que as frias.

Segundo consta, em 1769, Mozart visitou o templo de Isis, em Pompeia, e nela se inspirou quando escreveu a “Flauta Mágica”.

Há muitas pinturas em paredes em Pompeia e uma interessante que está na Casa do Poeta Trágico: trata-se do rei Agamenon que, antes da partida de sua frota para a guerra de Troia, sacrificou sua filha Ifigênia à deusa Artemis para que houvesse bons ventos. Segundo a história, quando Agamenon voltou vitorioso da guerra de Troia, sua mulher o envenenou.

No livro de Mary Beard tem um mapa onde aparecem as ruas, os nomes dos proprietários das casas, bem como, as Termas, os templos e os bares.

Lembrei-me, então, de quando tinha uns 13 anos mais ou menos e morava em Guarulhos, na rua Diogo de Faria. Minha irmã Neusa Tomaz estava lendo um romance sobre uma mulher que morava em Pompeia e ficava o tempo todo falando para mim e para minha outra irmã Sonia sobre a vida daquela personagem de Pompeia.

Naquele tempo, tinha um tio chamado Mario Tamassia que gostava de fazer hipnose para as pessoas voltarem ao passado. Dizia claramente que quem não fosse hipnotizado era louco e, dessa maneira, todos eram hipnotizados. Eu adorava ver as sessões de hipnose, pois dava muita risada.

Estávamos numa noite na casa perto da igreja Matriz de Guarulhos onde tinham morado os pais do meu pai. A casa agora pertencia ao meu tio Mario.

Um filho da minha tia Cotinha, o Milton Laurel de Lima, aplicava a hipnose.

Lembro que, numa sala cheia de parentes e amigos, a minha irmã Neusa foi hipnotizada.

O Milton hipnotizava, outra pessoa manobrava um gravador de fios que era moderno na época e o meu tio Mario anotava em um papel as partes importantes das regressões.

De vez em quando minha irmã Neusa, abria um olho e dava uma piscada para mim, que me encontrava bem perto dela.

Achei estranho quando ela começou a falar de Pompeia e começou a contar toda a história do livro que estava lendo. Eu e a Sonia ficamos quieto e não falamos nada a ninguém que tudo aquilo era uma farsa.

A Neusa falava o nome da heroína do livro, o nome da casa onde morava e das Praças e o meu tio Mario anotava tudo. Eram realmente impressionantes os detalhes que minha irmã falava.

Mais tarde, o tio Mario confirmou todas as referências sobre Pompeia e publicou um livro: “ 50 casos reais de reencarnação”. Minha irmã Neusa pediu para não contar para ninguém a verdade, dizendo que talvez ela tivesse mesmo vivido em Pompeia. Lembro que minha irmã Neusa é a reencarnação da Cleópatra, assim como milhares de outras. Sinto somente pelo meu pai, Egisto Tomaz, que foi somente um soldado romano.

Engenheiro Plinio Tomaz

22 de agosto de 2016